

## A presença negra num bairro riograndino

Jornal da Universidade / 13 de junho de 2024

### Artigo | Doutorando em Geografia, Adriano Rodrigues José descreve o processo de ocupação do bairro Getúlio Vargas, no município do Rio Grande, e observa a segregação dos espaços urbanos

\*Por Adriano Rodrigues José

\*Ilustração: Katherine Avila/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

As populações negras fizeram e fazem parte de processos cotidianos de construção espacial de cidades no Brasil. Por fatores relacionados à formação do nosso país, parte das suas histórias e presenças nos espaços urbanos sofreram (e ainda sofrem) processos históricos de apagamentos, invisibilidades e de estigmatização dos seus territórios. A condição de ser negra e negro no Brasil tem sido marcada pela segregação socioespacial.

É a esse contexto que temos dedicado tempo para a realização de uma pesquisa de doutorado em Geografia acerca da presença da população negra no espaço urbano, tendo como lugar de análise o Bairro Getúlio Vargas (BGV), no município do Rio Grande, localizado no Rio Grande do Sul. Nesse contexto, será importante dialogar, escutar, observar em torno das estratégias de sobrevivência que a população negra presente historicamente no bairro vem desenvolvendo para buscar inserção na sociedade e apropriação no espaço urbano.

Sabemos que o nome do bairro foi oficialmente dado na década de 1950, depois da industrialização e da urbanização de algumas de suas partes, assim como a delimitação dos seus limites. Anteriormente, o lugar era conhecido como Vila dos Cedros, sendo comum ouvirmos o uso das expressões “morador do Cedro” e “morador do BGV” como referências a esse lugar.

Segundo dados do Censo do IBGE de 2010, havia um total de 10.637 pessoas residentes, tendo dentre estas 1.965 e 1.922 pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, respectivamente, segundo os critérios adotados pelo instituto, representando 37,49% da população. Em aspectos proporcionais, tal representatividade esteve acima dos 16,13% que a população autodeclarada negra representava no conjunto de habitantes do RS no censo do mesmo ano. Ou seja, a partir dos dados do Censo de 2010 tínhamos uma proporção de pessoas pretas e pardas maior no BGV do que em comparação ao estado.

Conforme dados preliminares obtidos a partir dos resultados do Censo de 2022 tem-se atualmente um total de 8.241 pessoas residentes. Em relação aos resultados específicos dos residentes quanto a cor e raça precisaremos aguardar a divulgação dos dados por parte do IBGE.

Onde atualmente está delimitado o BGV trata-se de uma área que foi aterrada, originalmente composta por ilhas pequenas e uma maior chamada de Ilha do Ladino. A esta área foi dado o nome de terrapleno oeste, a leste do centro histórico do município do Rio Grande, constituindo uma área inicial de expansão urbana, dentro de um contexto da necessidade de construção de um novo porto para a cidade, conforme aponta o geógrafo Solismar Fraga Martins.

*Diante da instalação do frigorífico Swift no ano de 1917 no terrapleno oeste houve a necessidade de mão de obra, o que ocasionou a atração de pessoas de outros municípios do estado e por consequência a ocupação do terreno conhecido como Vila dos Cedros, hoje BGV. Conforme sugere Carlos Alberto de Oliveira, a ocupação do local deu-se no decorrer da década de 1930.*

Para uma melhor compreensão em torno das temáticas que envolvem a inserção na pesquisa, a saber, do racismo, da invisibilidade negra, da segregação socioespacial e presença negra no espaço urbano está sendo importante a realização de leituras de diferentes olhares teóricos, além da necessária pesquisa de campo que envolverá diferentes procedimentos metodológicos.

A intelectual negra Sueli Carneiro, contextualiza que na década de 1970 aparece o “agrupamento de pretos e pardos na categoria negros, justificado pela similitude dos indicadores sociais encontrados para ambos nos levantamentos censitários oficiais e significativamente oposta aos dos autodeclarados brancos”. É este entendimento de negro(a), em conjunto com o termo população (população negra), que temos utilizado como forma de compreensão no trabalho de pesquisa. Temos a contribuição da perspectiva proposta por Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, o qual traz a definição de racismo como “uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”, tendo a cor da pele como critério histórica e socialmente impregnado em nossa sociedade brasileira.

Sobre a relação entre invisibilidade e segregação socioespacial da população negra no espaço urbano trazemos as questões tratadas por Renato Emerson dos Santos, para o qual “o acesso às riquezas que a sociedade produz (acesso a educação, emprego, saúde, conhecimento e seus instrumentos de produção, posições de poder, etc.)” são delineados pelas “diferenças raciais” mobilizadas na perspectiva de hierarquias e verticalidades, acabando por produzir e reproduzir as desigualdades raciais e as “possibilidades e os tipos de presença dos indivíduos nos lugares”.

A pesquisa pretende contribuir para a compreensão da presença da população negra no espaço urbano, das formas como essa presença se materializou e se materializa, seja em aspectos econômicos, culturais, religiosos, ou através das lutas reivindicatórias, da associação organizativa dos moradores em busca de melhorias para o bairro, da atuação de personalidades históricas.

Adriano Rodrigues José é geógrafo e doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS.

*“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”*

### :: Posts relacionados



Núcleos urbanos informais e os desastres climáticos no Rio Grande do Sul



Reflexões sobre as inundações e a qualidade da água do Guaíba



Lago, rio, Guaíba: retomar o olhar geográfico

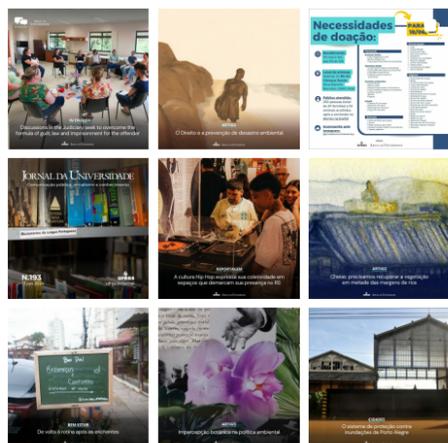


A geomorfologia no planejamento urbano e na prevenção de desastres naturais

### INSTAGRAM

JornalDaUniversidadeUFRGS  
@jornalDaUniversidadeUFRGS

Follow



View on Instagram

### REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE



### CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br